

O sonho de uma “Igreja Samaritana”:

A perícopre de Lc 10,25-37 como paradigma do agir cristão a partir do Documento de Aparecida

The dream of a “Samaritan Church”:
the pericope of Lk 10,25-37 as a
paradigm of the christian acting
concerning the Document of Aparecida

*Heitor Carlos Santos Utrini**

Resumo: Entre todos os textos bíblicos citados pelo Documento de Aparecida, a passagem do “Bom Samaritano” parece ser um dos que melhor funciona como chave de leitura para esse texto. O próprio Documento fala do ideal de uma “Igreja samaritana” (nº 26) e, ao longo do texto, a perícopre é explicitamente mencionada diversas vezes, isso sem falar das alusões. O discípulo é convidado a levar a mensagem da salvação à humanidade que jaz à beira do caminho (nº 29). Nessa dinâmica, não se pode ignorar os sofrimentos dos outros, sob pena de não ser um autêntico seguidor de Cristo (nº 358). A Igreja, em sua própria estrutura, é atingida por esse apelo, uma vez que a paróquia também deve ser uma boa samaritana (nº 176). Partindo desse pressuposto, a apresentação se dividirá em dois

* Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade S. Tomás de Aquino (“Angelicum”) de Roma. Professor do departamento de Teologia dos cursos de Graduação e Pós-Graduação da PUC-Rio. E-mail: hcsutrini@puc-rio.br.

momentos: primeiramente, oferecerá um comentário ao texto lucano e, logo depois, tendo como pano de fundo o Documento de Aparecida, estabelecerá um diálogo entre a passagem evangélica e seus apelos teológicos e pastorais. A Igreja, por meio do Documento de Aparecida, pretende despertar novos discípulos missionários e descobre que o autêntico discipulado é aquele que passa pela dinâmica do bom samaritano (nº 135 e 537), que é o paradigma do seguimento cristão.

Palavras-chave: Evangelho de Lucas; Bom samaritano; Novo Testamento; Teologia Bíblica; Documento de Aparecida

Abstract: Among all the biblical texts quoted in the Document of Aparecida, the passage of the Good Samaritan seems to be the most useful reading key for the entire Document. The Document itself talks about the ideal of a "Samaritan church" (n. 26) and, throughout the text, the passage is explicitly quoted several times, not to mention the many allusions. The disciple is invited to take the message of Salvation to humankind who lies along the roadside (n. 29). In this dynamics, one cannot ignore the sufferings of others, for this would cast doubt on his condition of authentic follower of Christ (n. 358). The Church, on her own structure, is reached by this calling, since the parish must be a good Samaritan as well (n. 176). From this presupposition, the presentation will be divided into two moments: at first, it will provide a comment to the Lucan text and, thereafter, standing the Document of Aparecida as background, it will bring about a dialogue between the evangelical passage and the theological and pastoral requests of the aforementioned Document. The Church, by the Document of Aparecida, intends to awaken new missionary disciples and finds out that the authentic discipleship goes through the dynamic of the Good Samaritan (n. 135 and n. 137), which is the paradigm of the Christian followership.

Keywords: Gospel of Luke; Good Samaritan; New Testament; Biblical Theology; Document of Aparecida

1. Introdução

O sociólogo polaco Zygmunt Bauman, tentando exprimir o comportamento insensível diante do sofrimento alheio, fala da *adiaforização* do mundo moderno.¹ Ele entende o conceito como a capacidade de não reagir ou da atitude insensível como se algo não estivesse acontecendo com pessoas. Indica “os estratagemas voltados para colocar, com intenção ou não, certos atos e/ou a omissão deles em relação a certas categorias de seres humanos *fora* do eixo moral-imoral – ou seja, fora do ‘universo das obrigações morais’ e do reino dos fenômenos sujeitos à avaliação moral”².

Muito embora o conceito tenha sido recentemente ressignificado por Bauman, lamentavelmente a atitude de indiferença diante do sofrimento alheio é uma constante no comportamento humano. Tendencialmente, as pessoas se incomodam com perigos que, de alguma forma, poderiam também afetá-las ou, então, com situações chocantes que demandam um impulso de generosidade, desde que não atrapalhe o curso normal da vida. “Sob a tirania do momento, porém, instala-se a ‘fadiga da compaixão’ esperando que um novo choque venha rompê-la, mais uma vez por um momento fugaz”³.

Ser cristão é muito mais do que simplesmente não infligir o mal a outrem. É, sobretudo, fazer o bem quando a necessidade alheia se nos apresenta, do modo como o outro precisa ser ajudado (cf. Mt 7,12). Nesse sentido, o Bom Samaritano (Lc 10,25-37) cai como uma bomba sobre as consciências amortecidas que se contentam em contemplar – insensíveis ou

¹ A palavra *ἀδιαφορέω* já era utilizada na Antiguidade. Referindo-se a pessoas, significava “ser negligenciado”, “ser abandonado por”. Daí os outros termos, como o adjetivo *ἀδιαφορητικός*, -ή, -όν (“indiferente”) e o substantivo *ἀδιαφορία* (“indiferença”). Vide LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. A. *A Greek-English Lexicon*. Oxford: The Clarendon Press, 1968, p. 22.

² BAUMAN, Z.; DONSKIS, L. *Cegueira Moral: A perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 52.

³ *Ibidem*, p. 55.

não – os sofrimentos alheios. Provocado pelo texto evangélico, o *Documento de Aparecida*,⁴ logo no nº 26 fala do ideal de uma “Igreja Samaritana”.

O presente estudo se dividirá em dois momentos: inicialmente, será feito um estudo exegético sobre a perícopa lucana do Bom Samaritano (10,25-37). A seguir, serão tomados os momentos em que o *Documento de Aparecida* evoca esse texto de Lc para se estabelecer um diálogo entre esses. O confronto tem por objetivo despertar a consciência da Igreja para uma maior fidelidade acerca do agir cristão apresentado por Jesus.

2. O Bom Samaritano (Lc 10,25-37)

O texto de Lc 10,25-37 se insere no contexto mais amplo da grande viagem de Jesus a caminho de Jerusalém (Lc 9,51-19,27). Diferentemente de Marcos, que dedica poucos versículos para descrever esse percurso feito por Jesus e seus discípulos (Mc 10,1-52), em Lc, o evangelista incrementa a narrativa marciana com diferentes materiais extraídos, sobretudo, da fonte Q e de material próprio (L).

Em alguns versículos antes, por ocasião da transfiguração, Lucas apresenta Jesus ao lado de Moisés e Elias enquanto “falavam de seu êxodo que estava para se completar em Jerusalém” (ἔλεγον τὴν ἔξοδον αὐτοῦ, ἣν ἡμελλεν πληροῦν ἐν Ἱερουσαλήμ, 9,31). Em 9,51, quando se inicia a viagem, Lucas fala que, quando se completaram os dias de sua “ascensão” (ἀνάληψις), Jesus decididamente (πρόσωπον ἐστήρισεν, lit. “endureceu a face”) começou sua caminhada para Jerusalém. Além dessa finalidade cristológica de preparação para o êxodo de Jesus, percebe-se ainda, nessa viagem, uma intenção eclesial, pois ela se constitui em uma importante etapa para a formação e capacitação das futuras testemunhas.⁵

⁴ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília/São Paulo: Edições CNBB/Paulus/Paulinas, 2012.

⁵ FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas: Traducción y comentario*, vol. III (8,22—18,14). Madrid: Cristiandad, 1987, p. 182.

Depois de ter sido rejeitado pelos samaritanos (9,51-56), Jesus pontua que o autêntico discípulo é quem, com ele, se põe a caminho, sujeitando-se aos riscos dessa viagem (9,57-62). A seguir, os discípulos são enviados (10,1-16) e retornam de sua missão (10,17-20), o que leva Jesus a exultar no Espírito Santo e louvar o Pai por ter escondido tais coisas aos sábios (10,21-22), enquanto os discípulos são felizes por verem cumpridas as promessas feitas aos antepassados (10,23-24).

Assim sendo, a primeira parte da viagem tem como tema uma série de ensinamentos destinados aos discípulos. É nesse contexto imediato que se insere a história do Bom Samaritano (10,29-37), preparada pela pergunta do legista (10,25-28). O tema do discipulado será novamente abordado com a passagem de Marta e Maria (10,38-42), que sucede imediatamente a perícopes do Bom Samaritano, na qual Maria é apresentada como aquela que escolheu a melhor parte. Essa é a moldura na qual devemos considerar o presente texto.

Tanto a pergunta do legista, quanto a história do Bom Samaritano estão construídas de forma simétrica: pergunta do legista (10,25b; 10,29a), contra-pergunta de Jesus (10,26; 10,30-36), resposta do legista (10,27; 10,37a) e resposta-convite de Jesus (10,28; 10,37b).⁶ O que se verifica, entre essas duas partes, é um total desencontro entre aquela que foi a pergunta inicial do legista e a resposta final oferecida por Jesus. Para esse, mais importante que saber quem é o próximo é fazer-se próximo. Acerca do gênero literário, muito embora seja popularmente chamada de “parábola”, acredita-se que a perícopes seja melhor compreendida como uma “narrativa exemplar” (*Beispielergählung*), uma vez que seu objetivo é suscitar um determinado comportamento⁷.

⁶ FABRIS, R. La Parabola del Buon Samaritano (Lc 10,25-37). *Parola, Spirito e Vita* 11 (1979) p. 128. MEIER, J. P. *Un Judío Marginal: nueva visión del Jesús histórico*, vol. V (La autenticidad de las parábolas a examen). Estella: Verbo Divino, 2017, p. 231.

⁷Cf. FITZMYER, El Evangelio según Lucas, vol. III, p. 277. SABOURIN, L. *Il Vangelo di Luca: introduzione e commento*. Roma/Casale Monferrato: Editrice Pontificio Istituto Biblico/Piemme, 1989, p. 225. SCHMID, J. *El Evangelio según San Lucas*. Barcelona: Herder, 1968, p. 276. TERNANT, P. Le Bon Samaritain (Lc 10,25-37). In: *Assemblées du Seigneur* 46 (1974) p. 69.

2.1. A pergunta do legista (10,25-28)

A pergunta colocada pelo legista, no v. 25, reaparecerá em Lc 18,18 nos lábios do homem rico que, no final, se afasta de Jesus, entristecido por não conseguir segui-lo em virtude de seus muitos bens. O que o mestre da Lei faz é colocar dois mandamentos do AT, que tinham vida independente, lado a lado. Tal união acontece nos três Sinóticos, mas com algumas diferenças: 1) Mt e Mc apresentam o mandamento a Deus como o "primeiro" e mais importante dos mandamentos e o amor ao próximo como o "segundo". Aqui em Lc, o evangelista não faz esse tipo de escalonamento; 2) Mt e Mc não definem quem seja o "próximo", diferentemente de Lc, que afronta o tema por meio da história do Bom Samaritano; 3) Diferentemente de Mc e Mt que situam o diálogo de Jesus com o legista nos últimos dias de seu ministério terreno, Lc o apresenta logo no início da viagem para a Cidade Santa; 4) Por fim, o texto do Bom Samaritano figura exclusivamente em Lc.⁸

Os mandamentos apresentados por Moisés no Dt são condição de possibilidade para que o povo entre e permaneça na terra prometida, desfrutando de paz e longos dias (cf. Dt 29,21-28; 30,15-20). Dessa forma, todo o discurso apresenta as cláusulas a serem observadas nesse pacto selado entre Deus e seu povo. O texto de Dt 6,5 é o desdobramento da linha anterior, que, sem sombra de dúvidas, é o coração de todo o discurso: "ouve, ó Israel, YHWH é nosso Deus, YHWH é um só" (Dt 6,4).

Na versão grega do AT, o texto de Dt 6,5 convida o povo a amar Deus de todo o coração (ἐξ ὅλης τῆς καρδίας σου), de toda a alma (ἐξ ὅλης τῆς

⁸ R. Bultmann e J. P. Meier defendem a ideia de que a parábola do Bom Samaritano seja uma releitura lucana de 2Cr 28,8-15. O texto fala da derrota sofrida por Judá nos tempos de Acáz. Israel teria aprisionado cerca de duzentas mil pessoas que só não foram reduzidas à escravidão graças à intervenção do profeta Obed, que se opôs a tal empreitada, dizendo que isso atrairia sobre Israel a ira de YHWH. Instados pelo profeta e por outros líderes do povo, o exército abandonou os prisioneiros e alguns designados para esse fim. Reconfortaram-nos. Vestiram os nus, deram-lhes roupas, calçados, alimento, bebida e abrigo. Os mais enfraquecidos foram colocados sobre animais e conduzidos até Jericó. Dessa forma, a parábola seria uma espécie de midrash sobre essa passagem veterotestamentária que joga com a polaridade entre Samaria e Judá (Cf. BULTMANN, R. *História de La Tradición Sinóptica*. Salamanca: Sígueme, 2000, p. 263. MEIER, J. P. *Un Judío Marginal*, vol. V, p. 236).

ψυχῆς σου) e com todas as forças (ἐξ ὅλης τῆς δυνάμεώς σου). Em sua citação, Lucas modifica a palavra δύναμις por seu sinônimo ἰσχύς e ainda acrescenta um quarto elemento, o “entendimento” (διάνοια). Essas alterações do texto veterotestamentário não são uma invenção lucana, uma vez que muito provavelmente foi tomada de Mc 12,30 onde os mesmos conceitos aparecem.⁹

Por outro lado, Lc segue fielmente o texto de Lv 19,18 conforme a LXX, que, por sua vez, é uma exata tradução do TM. A passagem em questão está inserida no chamado “Código de Santidade” (Lv 17-26). Tendo sido libertado do cativo egípcio, Israel conquista a sua liberdade, embora ainda não possua a terra. O Senhor “separou” Israel das demais nações e o “santificou”. O povo agora precisa corresponder a essa escolha por meio de um comportamento adequado. A motivação para isso se encontra em Lv 19,2: “sede santos, porque eu, YHWH vosso Deus, sou Santo”.

O texto de Lv 19,18 expõe os deveres dos membros da comunidade para com os seus compatriotas quando estes se tornam culpados a seu respeito. Toda situação deve ser resolvida sem vingança nem rancor, para que não se caia em faltas mais graves. Nessa relação, devem ser banidos a injustiça, a maledicência, o ódio, o sentimento de vingança e o rancor entre os membros da comunidade (cf. Lv 19,17-18a). Quando se considera apenas esse contexto imediato, pode parecer que aqui a palavra “amar” signifique tão somente não fazer o mal ao semelhante. Porém, quando se considera o contexto mais amplo da Torah, o apelo ao amor ao órfão, à viúva e aos estrangeiros não indica apenas abster-se do mal, mas sobretudo praticar o direito (cf. Dt 10,18-19).¹⁰ Dessa forma, o comportamento solidário não se dirige apenas ao israelita, mas também ao estrangeiro que habita em Israel. O texto recomenda: “tu o amarás como a ti mesmo, pois fostes estrangeiros na terra do Egito” (cf. Lv 19,33-34).

De qualquer forma, no contexto de Lv, o próximo é entendido como sendo o israelita. O “Código de Santidade” se explica no quadro do

⁹ O texto de Mt 22,37 também fala de διάνοια, mas o substantivo ἰσχύς foi omitido pelo evangelista.

¹⁰ Cf. LÉGASSE, S. *Qui est mon prochain? Étude sur l'objet de l'agapè dans le Nouveau Testament*. Paris: Les Éditions Du Cerf, 1989, p. 39. SKA, J.-L. *Introdução à Leitura do Pentateuco*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 47-50.62-63.

nacionalismo como uma forma de se proteger das influências pagãs a que Israel estava submetido. Aqui a solidariedade se dá entre aqueles que Deus separa dos outros povos e consagra como sua propriedade.¹¹

A combinação desses dois preceitos pode também ser percebida em outras tradições judaicas, muito embora haja apenas alusões.¹² Entretanto, para Jesus, mais importante que uma discussão meramente cerebrina acerca dos mandamentos é a sua prática. Por isso, uma vez que o legista cita os dois preceitos, Jesus encerra a discussão bruscamente, dizendo “faze isto e viverás” (v. 28).

2.2. O Bom Samaritano (10,29-37)

A história do Bom Samaritano é uma resposta à provocação do legista que pergunta a Jesus: “E quem é o meu próximo?” (v. 29). A pergunta é bastante pertinente para um legista, uma vez que as leis devem ser claras em seus limites e os critérios de interpretação devem permitir conhecer e acatar a medida exata do preceito.¹³ Ela segue o mesmo esquema que se repete em diversas ocasiões no AT, a saber, a menção de três clássicos tipos da sociedade israelita: o sacerdote, o levita e o leigo (cf. 2Cr 34,30; 35,8,18; Esd 2,70; 7,13; 8,15; 9,1; 10,5.18-44; Ne 7,72; 8,13; 10,1; 11,3). Entretanto, o texto lucano rompe com o

¹¹ Cf. LÉGASSE, S. *Qui est mon prochain ?*, p. 41. O mesmo autor considera que quando o termo *rēa* foi traduzido para o grego, se o tradutor quisesse designar o membro do povo israelita, não deveria ter escolhido o genérico *πλησίον*. Ele aqui sugere que isso supõe uma mudança de perspectiva trazida pelo contato dos israelitas com outras culturas a partir da diáspora (cf. *Ibid.*, p. 44). Um outro interessante artigo com abundantes referências a textos judaicos extrabíblicos é KRUBY, K. *L’amour du prochain dans la pensée juive*. *Nouvelle Revue Théologique* 91 (1969) p. 493-516.

¹² “Amai tão somente ao Senhor e ao vosso próximo” (*Testamento de Issacar* 5,1); “Amei o Senhor de todo o coração e amei cada homem como se fora meu próprio filho” (*Testamento de Issacar* 7,2); “Há, como podemos dizer, dois princípios mais importantes dentre todas as inúmeras lições e doutrinas particulares: a norma de conduta da pessoa em relação a Deus segundo as regras da piedade e da santidade; e a conduta de alguém para com os homens, conforme as regras da humanidade e da justiça. Cada um desses princípios é subdividido em uma infinidade de idéias subordinadas, todas elas louváveis” (FÍLON DE ALEXANDRIA, *Spec. Leg.* 2,63). Para um maior aprofundamento no tema, vide BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (orgs.) *Comentário do Uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 400-403.

¹³ Cf. MEIER, *Un Judío Marginal*, vol V, p. 232.

esquema anterior, uma vez que não apresenta um israelita como modelo a ser seguido, mas, sim, o protótipo do homem desprezado, o impuro por excelência, o samaritano. Nesse sentido, se a história quisesse simplesmente oferecer três modelos básicos de comportamento, bastaria que o terceiro elemento fosse um hebreu qualquer. No presente caso, o escândalo do texto se dá por apresentar o inimigo como aquele que demonstra compaixão.

Em geral, os comentários bíblicos procuram “justificar” o comportamento do sacerdote e do levita, alegando as normas de pureza ritual a que estavam ligados.¹⁴ No caso do sacerdote, seu comportamento pode ser assim explicado, pois lhe era proibido qualquer contato com cadáveres (Lv 21,1-4.11), uma vez que ele certamente supunha que o indivíduo estivesse morto. Todavia, a omissão do levita pode ser questionada, já que, nesse caso específico, a pureza ritual seria exigida apenas quando fosse servir no santuário. Ora, também ele estava descendo de Jerusalém para Jericó, ou seja, seu serviço já tinha sido realizado, de sorte que essa específica regra de pureza não deveria ser uma preocupação.¹⁵

Nos dois casos, a atitude foi a mesma: ambos viram o moribundo caído à beira do caminho e ambos passaram ao largo (vv. 31 e 32). Desculpas à parte, o autor parece querer mostrar que aquilo que os impediu de ajudar o necessitado foi o apego excessivo à Lei e às determinações cúlticas. Ora, a Lei, em nenhuma ocasião e sob qualquer pretexto, pode estar acima do amor.¹⁶ O evangelista não exprime nenhum juízo de valor a respeito dos dois personagens, mas não há como não perceber aqui uma crítica implícita, sobretudo quando confrontados com o terceiro elemento da história.

Com uma certa dose de ironia, o autor passa a descrever o terceiro personagem que descia por aquele mesmo caminho: tratava-se de um

¹⁴ Cf. FITZMYER, *El Evangelio según Lucas*, vol. III, p. 278.

¹⁵ Cf. SABOURIN, *Il Vangelo di Luca*, p. 225. JEREMIAS, J. *Las Parábolas de Jesús*. Estella: Verbo Divino, 1974, 3ª ed., p. 247.

¹⁶ Cf. TERNANT. *Le Bon Samaritain*, p. 70.

Samaritano.¹⁷ Enquanto o sacerdote e o levita se limitam a ver o necessitado, o samaritano deu um passo a mais. Tendo-o visto, foi até ele e “foi movido de compaixão” (ἐσπλαγγίσθη, v. 33).¹⁸ O verbo aparecerá uma outra vez, também em um contexto de parábola, para descrever a atitude do pai do filho pródigo que, ao vê-lo voltar para casa, encheu-se de compaixão, foi correndo ao seu encontro, jogando-se sobre seu pescoço e cobrindo-o de beijos (Lc 15,20). O mesmo vocábulo foi empregado para indicar a reação de Jesus diante

¹⁷ A história de rivalidades entre judeus e samaritanos é bastante antiga. Depois da divisão do Reino em 930 a.C., Samaria passou a viver uma vida independente político e religiosamente (cf. 1Rs 12). Tendo sido conquistada pelos assírios em 722 a.C., sua população foi substituída por colonos estrangeiros (cf. 2Rs 17,24) dando origem a uma raça híbrida. Tais colonos, em parte, aderiram ao culto a YHWH, mas, em parte, mantiveram o culto aos seus próprios deuses (cf. 2Rs 17,29-34). Quando os judeus receberam a permissão dos persas de retornarem para Judá e reconstruírem o Templo de Jerusalém, os samaritanos quiseram colaborar nessa obra de reedificação do santuário, mas, por causa de sua impureza racial e cúltica, foram descartados por Zorobabel e Neemias (cf. Esd 4,1-4). Diante de tal rejeição, os samaritanos decidiram edificar um templo no Monte Garizim, que veio a ser destruído por João Hircano no séc. II a.C. O autor do Eclesiástico considera os samaritanos “um povo estúpido” (50,26). A hostilidade era recíproca e atingiu o seu ápice quando no ano 6 d.C., em plena celebração da Páscoa, alguns samaritanos profanaram o Templo de Jerusalém espalhando no pátio ossos humanos (Cf. VAN DEN BORN, A.; SAULNIER, C. Samaritanos. In: BOGAERT, P. M. *Diccionario Enciclopédico de la Biblia*. Barcelona: Herder, 1993, p. 1388-1389. MONLOUBOU, L.; DU BUIT, M. Samaritain. In: ID. *Dictionaire Biblique Universel*. Bris: Desclée, 1984, p. 674). É visível o interesse de Lucas pelos samaritanos. Se, em Mc, o vocábulo sequer aparece e, em Mt, temos uma única menção aos samaritanos em 10,5, na qual Jesus recomenda aos discípulos de não irem aos samaritanos, mas apenas às ovelhas da casa de Israel, em Lc, temos 3 ocorrências. A primeira delas ocorre em 9,52, onde os samaritanos se recusam a acolher Jesus por perceberem que ele se dirigia a Jerusalém. Já na parábola de 10,25-37, o Samaritano é apresentado como um exemplo a ser seguido. O mesmo se diga no episódio da cura dos dez leprosos em 17,16, no qual aquele que volta para agradecer a Jesus se trata de um samaritano. Esse interesse de Lc se deve ao plano teológico de sua obra. Depois de uma primeira pregação em Jerusalém, o entusiasmo (cf. At 1-5) se transforma em perseguição aos discípulos (cf. At 6-7). A perseguição desencadeia a missão bem sucedida de Filipe em Samaria (cf. At 8,4-25). Dessa forma, a Samaria entra no plano teológico do autor de Lc-At para demonstrar a expansão da Palavra conforme enunciado em At 1,8 (Cf. MEIER, J. P. *Un Judío Marginal*, vol V, p. 233-235).

¹⁸ Acerca do sentido do verbo σπλαγγίζομαι nos Sinóticos, H. Köster recorda que, fora das parábolas de Jesus, o vocábulo em nenhum lugar é utilizado para qualificar o comportamento humano. “Questo uso linguistico è conservato anche nell’unico passo protocristiano in cui troviamo il verbo fuori dei vangeli sinottici, cioè nel Pastore di Erma, in cui è usato solo ed esclusivamente per Dio. In tal modo il verbo σπλαγγίζομαι viene attribuito solo all’agire divino” (KÖSTER, H. σπλαγγίζομαι κ.τ.λ. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1979, vol. XII, col. 919).

do sofrimento da viúva de Naim antes de ressuscitar seu filho único (cf. Lc 7,13).¹⁹ Esse é, portanto, um termo de designa uma verdadeira reviravolta no curso da narrativa.²⁰

A compaixão leva o Samaritano a fazer algo pelo moribundo. O texto afirma que ele cuidou das feridas, derramando sobre elas óleo e vinho. Depois, colocou o homem sobre sua própria montaria e o levou até uma hospedaria onde continuou a lhe prestar seus cuidados (v. 34). Como se verifica, a compaixão não se reduz a uma mera disposição de afeto, mas a uma tomada de decisão, a fazer algo por aquele que precisava. Ela vai quebrar o ciclo de indiferença, instaurando uma ordem completamente nova.

Jesus não pretende simplesmente apresentar um herege como modelo para os judeus, mas quer um amor desinteressado e altruísta: apesar de o moribundo ser aparentemente judeu e ele ser um inimigo samaritano, ele não pergunta sobre a procedência do outro, mas simplesmente ajuda o necessitado. Ele fez pelo infeliz aquilo que devia ser feito.²¹

Voltando à pergunta do legista no v. 29, ele procurava um objeto a quem amar, alguém que receberia de modo passivo qualquer forma de ajuda. Jesus se preocupa em indicar o sujeito do amor. Não há mais necessidade de

¹⁹ Em diversas ocasiões o verbo *πλαγχνίζομαι* está associado ao verbo “ver” (cf. Mt 9,36; 14,14; Mc 6,34; Lc 7,13; 10,33; 15,20). Geralmente, o olhar antecede a compaixão. Certamente, nem todo olhar conduz à compaixão, pois é necessário deixar-se seduzir pelo amor misericordioso de Deus de modo que os olhos vejam de outra forma (Cf. ESTEVEZ, E. Significado de ΣΠΛΑΓΧΝΙΖΟΜΑΙ en el NT. *Estudios Biblicos* 48 [1990] p. 525).

²⁰ Segundo M. J. J. Menken, o verbo *πλαγχνίζομαι* em todos os textos lucanos em que aparece ocupa exatamente o centro matemático das perícopes. Assim, por exemplo, em Lc 15, o centro de 23 indicativos aoristos é *ἐσπλαγχνίσθη* no v. 20. Em Lc 7,11-17, o vocábulo também aparece no centro de todas as formas verbais da narração, bem como de todos os tempos indicativos. No caso do Bom Samaritano, em um total de 136 palavras, *ἐσπλαγχνίσθη* ocupa o lugar de número 69. Dessa forma, contam-se 68 palavras antes e 67 depois. No monólogo de Lc 10,30-36, a forma verbal é precedida e seguida por 16 verbos. Em todos os casos, a narrativa sofre uma verdadeira guinada quando o verbo *πλαγχνίζομαι* parece. O autor conclui que, mais que um simples acaso, o lugar que Lucas reserva para a palavra enfatiza a importância do termo (Cf. MENKEN, M. J. J. The position of ΣΠΛΑΓΧΝΙΖΕΣΘΑΙ and ΣΠΛΑΓΧΝΑ in the Gospel of Luke. *Novum Testamentum* 30 [1988] p. 107-114).

²¹ Cf. SCHMID, El Evangelio según San Lucas, p. 276.

buscar pelo próximo, pois o próximo devemos ser todos nós, na medida que nos abrimos ao outro. "O que conta não é mais saber a quem amar, mas amar"²².

Uma vez que a compaixão do Samaritano não conhece limites, a história da interpretação do texto lucano, sobretudo no período patrístico, entendeu a parábola em chave cristológica e eclesiológica. Com efeito, alguns Padres viam, no Samaritano, o próprio Cristo, no homem caído à beira da estrada, a humanidade pecadora e, na hospedaria, a Igreja: "O homem que descia é Adão; Jerusalém é o Paraíso e Jericó o mundo; os ladrões são as potências hostis; o sacerdote é a Lei; o levita, os profetas; e o samaritano é Cristo"²³.

3. O Documento de Aparecida

A V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho recolhe, por um lado, a riqueza espiritual das Conferências anteriores e oferece, por outro, uma nova sensibilidade para o ser e agir eclesial. O Documento de Aparecida está estruturado a partir de três dimensões que se interpenetram e se condicionam. Primeiramente, a identidade da Igreja está enraizada em seu encontro com a Pessoa de Jesus (nº 129ss). Essa experiência com o Senhor é a condição de possibilidade para qualquer atividade que tenha a pretensão de ser "eclesial". Esse encontro com Jesus é algo experiencial, não meramente cerebrino e intelectualizado, de modo que a vida do discípulo seja toda ela afetada e reorientada pelo cultivo de uma amizade cada vez mais sólida com o Senhor. "Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas através do encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e,

²² LÉGASSE, Qui est mon prochain?, p. 69. Vide ainda RAMAROSON, L. Comme 'Le Bon Samaritain' ne cherche qu'à aimer. *Biblica* 56 (1975) p. 534.536.

²³ ORIGÈNE. Homélies sur S. Luc. In: DE LUBAC, H.; DANIELÉLOU, J. (eds.) *Sources Chrétiennes*, vol. 87. Paris: Les Éditions du Cerf, 1962, XXXIV, 3. Acerca das releituras cristológicas mais recentes, uma boa síntese é oferecida por FEUILLET, A. Le Bon Samaritain (Luc 10,25-37): Sa signification christologique et l'universalisme de Jésus. *Esprit et Vie* 24 (1980) p. 337-351.

com isso, uma orientação decisiva”²⁴. O Documento de Aparecida, de maneira lúcida, aponta esse primeiro momento como o fundamento da vida da Igreja.

Somente a partir desse encontro é que nasce o autêntico “discípulo”. O Documento insiste sobremaneira na dimensão formativa, em uma catequese sólida, entendida não apenas como comunicação fria de conteúdos doutrinários – muito embora esses também tenham o seu lugar (cf. nº 279-300). O objetivo da formação é falar não apenas ao cérebro, mas atingir todas as dimensões da vida do discípulo, auxiliando-o a um seguimento cada vez mais autêntico e decidido.

Uma vez que o discípulo descobre quem é o Senhor e por Ele se deixa formar, surgem as exigências desse seguimento. A Igreja se sente impelida a anunciar a alegria do evangelho e leva a cabo essa tarefa mediante inúmeras formas: no cuidado das pessoas, particularmente, daqueles cuja dignidade se vê ameaçada e ferida (cf. nº 387-390), colocando-se ao lado dos perseguidos e marginalizados (cf. nº 391-398), vivendo a solidariedade e a partilha (cf. nº 406), enfim, apresentando o evangelho como um dom, respeitando a identidade daqueles aos quais se dirige, de sorte que se sintam atraídos pelo modo como vive o discípulo.

Ao longo do Documento, a perícopes do Bom Samaritano foi evocada em cinco ocasiões. Nesta segunda parte, cada uma das ocorrências será analisada, para daí serem extraídos alguns desdobramentos à luz da passagem evangélica.

3.1. O ideal de uma “Igreja Samaritana”

Logo no início da primeira parte, o Documento lança um olhar sobre a Igreja em nosso continente e afirma que “iluminados pelo Cristo, o sofrimento, a injustiça e a cruz nos desafiam a viver como igreja samaritana (cf. Lc 10,25-37), recordando que a evangelização vai unida sempre à

²⁴ BENTO XVI, *Carta Encíclica “Deus Caritas est”*, nº 12. O mesmo texto foi incorporado no Documento de Aparecida nº 243.

promoção humana e à autêntica libertação cristã” (nº 26).²⁵ A dignidade que a Igreja reconhece nos pobres é decorrente da dignidade do próprio Cristo que “se fez pobre para nos enriquecer” (2Cor 8,9).

A parábola lucana fala de dois clérigos que, terminando seu serviço no Templo, retornam para suas vidas diárias (cf. 25,31-32). Tinham se encontrado com o Senhor no culto e, ao descerem pelo caminho, mal sabiam que o mesmo Senhor os esperava à margem da estrada. Sua opção foi passar ao largo, provavelmente para não contraírem algum tipo de impureza ritual e, assim, ficarem impedidos de se aproximarem de Deus. Contudo, a história mostra que não há um “outro caminho”. Desconsiderar aquele que jaz à beira da estrada não é uma opção para uma Igreja que se define “samaritana”.

Em certo sentido, pode-se dizer que é o próximo quem nos escolhe. Os vinte e sete quilômetros que separavam Jerusalém de Jericó não eram nada em comparação com o abismo da indiferença dos clérigos da história. Conhecedores da Lei e praticantes rígidos e repetitivos dos preceitos não previam qualquer mudança de planos. Como recorda o Papa Francisco em sua homilia aos novos cardeais do consistório de 2015, “a caridade é criativa, encontrando a linguagem certa para comunicar com todos aqueles que são considerados incuráveis e, portanto, intocáveis”.²⁶

²⁵ PIERRE DE BLOIS (1130-1200), ao escrever uma dura carta ao bispo de Lisieux, que vivia à procura de dinheiro e não repartia seus bens com os pobres, afirma que os “pobres são os vigários de Cristo”. Depois de uma duríssima censura ao prelado, manifesta que o próprio Deus havia providenciado uma oportunidade para que ele se redimisse, pois sobreviera sobre a região uma severa fome e esse era o momento de conquistar o Reino dos céus. “Tanto te custará o Reino, quanto fores capaz de mostrar aos pobres afeto e compaixão. O pobre é o vigário de Cristo (*pauper Christi vicarius est*)” (PL 207,285-288). Citando precisamente este texto, Gonzáles Faus constata que Inocêncio III modifica o sentido da expressão ao sequestrar o título, aplicando-o aos papas (cf. GONZÁLES FAUS, F. *Herejias del Catolicismo Actual*. Madrid: Editorial Trotta, 2013, p. 29. O texto de Pierre de Blois pode ser consultado também em GONZÁLES FAUS, F. *Vicarios de Cristo: Los pobres en la Teología y la espiritualidad cristianas*: antología comentada. Madrid: Editorial Trotta, 1991, p. 96-97).

²⁶ FRANCISCO. *Homilia da Santa Missa com os Novos Cardeais* (15/02/2015). Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150215_omelia-nuovi-cardinali.html>. Acesso em 12 de dezembro de 2018. Da mesma forma, o Papa João Paulo II exortava: “É hora duma nova «fantasia da caridade», que se manifeste não só nem sobretudo na eficácia

A “compaixão” que não se concretiza em serviço não é autêntica. É ela a motivação de tudo aquilo que o Samaritano fez pelo anônimo, que, justamente por ser anônimo, encarna todos aqueles que esperam por socorro. O moribundo não traz qualquer sinal de identificação: pressupõe-se que fosse judeu, porque vinha também ele de Jerusalém. Entretanto, não há nenhum adjetivo, título ou documento. É simplesmente um homem que durante a narrativa é substituído pelo pronome pessoal sete vezes. Isso basta para merecer a atenção dos transeuntes.²⁷ Uma Igreja que leve a sério as palavras de Jesus não se contenta apenas em repeti-las, mas sabe que seu empenho em favor dos necessitados é o termômetro que mede a sua fidelidade ao Mestre.²⁸

Sáímos da igreja e contemplamos fileiras de pobres que formam como que uma muralha, de um e de outro lado. E passamos ao largo, sem nos comover, como se víssemos colunas e não corpos humanos. Repito: apertamos o passo como se víssemos estátuas sem alma em vez de homens que respiram. “É que estamos com fome”, dizeis. Pois, precisamente a fome vos deveria persuadir a vos deterdes, porque como diz o refrão: a barriga cheia desconhece o faminto; só o que passa vontade reconhece a necessidade alheia através da sua própria... Todos vós ides correndo para vossa mesa preparada e não aguentais uns momentos de espera. E o pobre estará ali de pé, até ao cair do dia, para ver se recolhe o seu sustento diário.

Aí está a nossa mesa cheia de coisas boas (se é que podemos chamar bom aquilo que comemos para a condenação de nossa desumanidade; mas, enfim, seja como for que chamemos, nossa mesa está posta). E ouvimos como lá em baixo esses desgraçados vão gritando pelas ruas e se lamentam na mais escura das sombras e na mais absoluta solidão. Mas nada disso nos

dos socorros prestados, mas na capacidade de pensar e ser solidário com quem sofre, de tal modo que o gesto de ajuda seja sentido, não como esmola humilhante, mas como partilha fraterna” (Carta Apostólica “Novo millenio ineunte”, nº 50).

²⁷ Cf. TERNANT, *Le Bon Samaritain*, p. 71. PRONZATO, A. *Tras las huellas del Samaritano. Peregrinación al santuario del hombre*. Santander: Editorial Sal Terrae, 2003, p. 36.

²⁸ “A Igreja acha-se vivamente empenhada nesta causa, porque a considera como sua missão, seu serviço e como uma comprovação da sua fidelidade a Cristo, para assim ser verdadeiramente a ‘Igreja dos pobres’” (JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Laborem Exercens*. São Paulo: Paulus, 1997, nº 8).

comove. E depois de tamanha desumanidade, atrevemo-nos a erguer as mãos ao céu e suplicar a misericórdia e o perdão de Deus para nossos pecados. Como não tememos que a resposta a essa oração seja um raio descido do céu diante de tamanha crueldade e desumanidade?²⁹

O Documento indica ainda que a atenção dada aos menos favorecidos é decorrência do encontro autêntico com Jesus. O discípulo missionário deseja que o anúncio da alegria do evangelho chegue a todos, especialmente àqueles que se encontram em situação de maior vulnerabilidade, “aqueles que jazem à beira do caminho, pedindo esmola e compaixão” (nº 29). Nesse contexto de fé recebida e comunicada por intermédio das palavras e das obras, evidencia-se que o anúncio desencarnado de consequências na vida prática depõe contra o real encontro com o Senhor.

3.2. A dinâmica do Bom Samaritano

A segunda parte do Documento de Aparecida reflete sobre “a vida de Jesus Cristo no discípulo missionário”. No capítulo que trata da “vocação dos discípulos missionários à santidade”, encontra-se a segunda alusão ao texto do Bom Samaritano:

135. A resposta a seu chamado exige entrar na dinâmica do Bom Samaritano (cf. Lc 10,29-37), que nos dá o imperativo de nos fazer próximos, especialmente de quem sofre, e gerar uma sociedade sem excluídos, seguindo a prática de Jesus que come com publicanos e pecadores (cf. Lc 5,29-32), que acolhe os pequenos e as crianças (cf. Mc 10,13-16), que cura os leprosos (cf. Mc 1,40-45), que perdoa e liberta a mulher pecadora (cf. Lc 7,36-49; Jo 8,1-11), que fala com a Samaritana (cf. Jo 4,1-26).

²⁹ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO. Sermon 5 sur la Genèse. In: BROTTIER, L. *Sources Chrétiennes*, vol. 433. Paris: Les Éditions du Cerf, 1998, nº 270-275.

Os números anteriores afirmavam que o discípulo missionário é chamado a aderir não a uma ideia transcendente ou a um código legislativo, mas a uma Pessoa (cf. nº 131); ele não é simplesmente servo, mas chamado a ser amigo e irmão, partilhando da vida mesma de Jesus (cf. nº 132-133). É então que surge a citação do texto lucano ao apresentar a “dinâmica do Bom Samaritano”, que configura o discípulo a Jesus, permitindo-lhe realizar as obras que o Mestre fazia.

Se, atualmente, há diversas afirmações dos evangelhos que são questionadas quanto à sua fiabilidade histórica a respeito de Jesus, um dos elementos que goza de aceitação relativamente unânime é a convivência de Jesus com os pecadores e com os proscritos da sociedade de seu tempo. Consegue-se imaginar um rabino que se dirija aos pecadores, convidando-os à conversão, mas daí a conviver com eles, partilhar da mesma mesa, a ponto de ser classificado como seu “amigo”, é algo que extrapola o limite do tolerável para a sociedade de seu tempo.³⁰ Essas informações certamente não podem ser invenções da primitiva comunidade cristã, uma vez que elas trazem mais embaraço que vantagens sobre o modo como o Mestre era visto pelos de fora.

O texto do Bom Samaritano apresenta o zelo com que o viajante cuidou do moribundo. Em 10,34, o Samaritano leva o infeliz até uma hospedaria e ali continua a cuidar dele. Ao partir, confia-o aos cuidados do estalajadeiro com a seguinte ordem: “cuida dele, e o que gastares a mais, no meu retorno, eu te reembolsarei” (v. 35). Na perícopes de Lucas, o mesmo verbo ἐπιμελέομαι empregado para descrever o cuidado do Samaritano em relação ao moribundo (cf. v. 34) é agora repetido, indicando que o estalajadeiro prestará o mesmo tipo de serviço. Evidentemente, o Samaritano não está se desincumbindo dos cuidados do desafortunado, uma vez que ele mesmo promete voltar e assumir as despesas. Mas, nesse ínterim, ele receberá os cuidados de outras mãos que lhe fazem as vezes.

³⁰ Cf. BARTOLOMÉ, J. J. *Comer en común: una costumbre típica de Jesús y su propio comentario* (Lc 15). *Salesianum* 55 (1982) p. 704.

O nº 358 do Documento de Aparecida não cita explicitamente a parábola, mas faz uma alusão ao mandamento do amor a Deus e ao próximo e o modo como se relacionam:

O Reino de vida que Cristo veio trazer é incompatível com essas situações desumanas. Se pretendemos fechar os olhos diante dessas realidades, não somos defensores da vida do Reino e nos situamos no caminho da morte: “Nós sabemos que passamos da morte para a vida porque amamos os irmãos. Aquele que não ama, permanece na morte” (1Jo 3,14). É necessário sublinhar “a inseparável relação entre o amor a Deus e o amor ao próximo”, que “convida todos a suprimir as graves desigualdades sociais e as enormes diferenças no acesso aos bens”. Tanto a preocupação por desenvolver estruturas mais justas como por transmitir os valores sociais do Evangelho, situam-se neste contexto de serviço fraterno à vida digna.

A dinâmica do Bom Samaritano de que fala o Documento não se restringe a uma mera satisfação emocional – e, por isso mesmo, transitória – no serviço aos necessitados. Também não se confunde com uma espetacularização midiática em busca de autopromoção. A compaixão, mais do que um sentimento, implica comprometimento com o homem real. Daí a insistência de Jesus, no final da história, em “fazer” a mesma coisa (cf. v. 37). O contato com o evangelho e com a vivência em comunidade não pretende apenas fazer “bons cristãos”. Com a prática da misericórdia, descortina-se a possibilidade de se fazer “cristãos bons”, algo muito mais útil na sociedade atual.³¹

3.3. A paróquia como boa samaritana

O Documento de Aparecida sustenta que o encontro com a pessoa de Jesus e o conseqüente seguimento é algo pessoal, mas, não, individualista. Descobrimos a fé e a alimentamos em comunidade, buscando ali o espaço favorável para a vivência do amor. Esse chamado à comunhão se concretiza

³¹ Cf. PRONZATO. *Tras las huellas del Samaritano*, p. 10. SCHMID, *El Evangelio según San Lucas*, p. 280.

em determinados espaços destinados a isso. O primeiro deles é a diocese, que “é totalmente Igreja, mas não é toda a Igreja” (nº 166). A Igreja Particular, sob a presidência do Bispo Diocesano, é o “primeiro espaço da comunhão e da missão” (nº 169).

A seguir, o Documento dedica particular atenção à paróquia, como o espaço onde o fiel faz sua experiência com o Senhor e vive a comunhão eclesial (cf. nº 170). Exprime ainda o desejo para uma renovação da estrutura paroquial, sobretudo através de um novo impulso missionário (cf. nº 171ss). É na comunidade paroquial onde se faz a experiência do dom de Deus mediante a celebração dos sacramentos (cf. nº 175).

176. A Eucaristia, sinal da unidade com todos, que prolonga e faz presente o mistério do Filho de Deus feito homem (cf. Fl 2,6-8), nos propõe a exigência de uma evangelização integral. A imensa maioria dos católicos de nosso continente vive sob o flagelo da pobreza. Esta tem diversas expressões: econômica, física, espiritual, moral etc. Se Jesus veio para que todos tenhamos vida em abundância, a paróquia tem a maravilhosa ocasião de responder às grandes necessidades de nossos povos. Para isso, tem que seguir o caminho de Jesus e chegar a ser a boa samaritana como ele. Cada paróquia deve chegar a concretizar em sinais solidários seu compromisso social nos diversos meios em que se move, com toda “a imaginação da caridade”. Não pode ser alheia aos grandes sofrimentos que a maioria de nossa gente vive e que com muita frequência são pobreza escondidas. Toda autêntica missão unifica a preocupação pela dimensão transcendente do ser humano e por todas as suas necessidades concretas, para que todos alcancem a plenitude que Jesus Cristo oferece.

O plano de pastoral traçado pela paróquia não a pode enrijecer a ponto de não aceitar o próximo que chega quando menos se espera. Ele “não costuma ser cortês, não conhece boas maneiras. É indiscreto, intruso, inesperado”³². A preocupação pelas coisas de Deus não admite o desinteresse pela vida do

³² PRONZATO, *Tras las huellas del Samaritano*, p. 46.

homem. O próprio Jesus é aquele que está no meio de nós como aquele que serve (cf. Lc 22,27) e é assim que ele deseja ver a sua Igreja. Como bem recorda São Pedro Damião (†1072) em uma carta a seus confrades:

A neve é branca, mas fria. Nesse sentido é hipócrita: porque se transfigura com a aparência de uma santidade luminosa, mas não arde com nenhum fogo de amor. Pois bem, o que aparenta se dedicar a obras piedosas, mas não tem entranhas de autêntica piedade é como a neve, branco e frio.³³

3.4. A Pastoral da Saúde como Boa Samaritana

A terceira parte do Documento de Aparecida trata das exigências do discipulado. O discípulo que se encontra com Jesus e, por Ele, se deixa formar precisa agora responder às exigências de seu chamado. Isso implica uma participação efetiva na solução dos grandes dilemas que afligem os homens, particularmente na construção de uma ordem social cada vez mais justa e fraterna (cf. n° 382-386), na defesa da sacralidade da vida humana (cf. n° 387-390), na opção preferencial pelos pobres (cf. n° 391-398), na promoção integral da vida humana (cf. n° 399-405). O Documento ainda faz o convite a contemplar o rosto de Cristo sofredor nas categorias mais vulneráveis da sociedade: nos migrantes (cf. n° 411-416), nos dependentes químicos (cf. n° 422-426), nos encarcerados (cf. n° 427-430) e nos enfermos (417-421). É acerca desses últimos que o texto lucano é evocado:

419. A saúde é um tema que move grandes interesses no mundo, mas não proporcionam uma finalidade que a transcenda. Na cultura atual a morte não cabe e, diante de sua realidade, trata-se de ocultá-la. Abrindo-a para a sua dimensão espiritual e transcendente, a Pastoral da Saúde se transforma no anúncio da morte e ressurreição do Senhor, única e verdadeira saúde. Ela unifica na economia sacramental de Cristo o amor de muitos "bons samaritanos", presbíteros, diáconos, religiosas, leigos e profissionais da saúde.

³³ S. PEDRO DAMIÃO, Epistola XXXII ad suos eremitas Monasterii Gamughensis S. Barnabae. In: MIGNE, J. P. *Patrologia Latina*, vol. 144. Paris: 1853, § 426.

As 32.116 instituições católicas dedicadas à Pastoral da Saúde na América Latina representam um recurso que se deve aproveitar para a evangelização.

A compaixão do Samaritano se traduz nos gestos em favor do moribundo. Ele lhe enfaixa as chagas, derramando ainda óleo e vinho sobre elas. Isso se traduz por meio do verbo ἐπιμελέομαι (cf. vv. 34.35) que não se resume a uma oferta mecânica de algum favor. O primeiro sentido do verbo é “ter cuidado”, “ocupar-se”. Acompanhado de genitivo, como é o caso da história, significa “ser cuidador”, “ter a missão” ou, ainda, “estar empenhado”, “dedicar-se”. Mais que uma simples prestação de serviço mediante a oferta de algo, é oferecer-se por meio do empenho da caridade.

O Papa Francisco, continuamente, alerta para o perigo da cultura do bem estar que anestesia os corações a ponto de não mais perceberem as necessidades e clamores dos necessitados.³⁴ Particularmente, quando se considera o modelo atual de sociedade, onde o sucesso se mede em cifrões e onde a pessoa vale pelo que produz, parece não fazer sentido investir tempo e energia com os “lentos, fracos ou menos dotados”³⁵. Uma Igreja que se preocupasse apenas com eventuais vantagens e não se gastasse no serviço dos irmãos, sobretudo aqueles que são vistos pela sociedade como um “peso”, trairia a sua missão de serva da humanidade.

Também hoje quantos cristãos dão testemunho – não com as palavras, mas com a sua vida radicada numa fé genuína – de ser «os olhos do cego» e «os pés para o coxo»! Pessoas que permanecem junto dos doentes que precisam de assistência contínua, de ajuda para se lavar, vestir e alimentar. Este serviço, especialmente quando se prolonga no tempo, pode tornar-se cansativo e pesado; é relativamente fácil servir alguns dias, mas torna-se difícil cuidar de uma pessoa durante meses ou até anos, inclusive quando ela já não é capaz de agradecer. E, no entanto, que grande caminho de santificação é este! Em tais

³⁴ Cf. FRANCISCO, Exortação Apostólica “Evangelii Gaudium”, n° 53.

³⁵ *Ibidem*, n° 209.

momentos, pode-se contar de modo particular com a proximidade do Senhor, sendo também de especial apoio à missão da Igreja.³⁶

3.5. Ir como Bons Samaritanos

Por fim, o Documento de Aparecida faz uma última citação da Parábola do Bom Samaritano no item que antecede imediatamente a conclusão. O capítulo X se inicia, falando sobre a necessidade do evangelho se entranhar nas diferentes culturas (cf. n.º 476-480). Nesse sentido, particular atenção merecem a educação da juventude (cf. n.º 481-483) e a Pastoral da Comunicação Social (cf. n.º 484-490). O discípulo missionário é chamado a dialogar nos mais variados ambientes culturais (cf. n.º 491-500), bem como se engajando na tomada de decisões da vida pública (cf. n.º 501-508). A pastoral da Igreja, tão viciada em antigos modelos provincianos, deve saber incorporar-se nos novos contextos urbanos (cf. n.º 509-519), promovendo a fraternidade e a unidade (cf. n.º 520-528), bem como a integração das mais diferentes etnias que compõem a América Latina e o Caribe (cf. n.º 529-533). Na conclusão do capítulo, o Documento convoca a Igreja a assumir seu protagonismo na vivência da comunhão e reconciliação. Constata que os povos do Continente insistem em acreditar, apesar de não lhes faltarem motivos para a desesperança. É aqui que se insere a perícopa do Bom Samaritano:

537. (...) para que a nossa casa comum seja um continente da esperança, do amor, da vida e da paz há que ir, como bons samaritanos, ao encontro das necessidades dos pobres e dos que sofrem e criar “as estruturas justas que são uma condição sem a qual não é possível uma ordem justa na sociedade...”

Certamente, o samaritano não era alguém excepcional: era um indivíduo como tantos outros, com seus problemas, seus desafios, seus

³⁶ FRANCISCO. *Mensagem do Santo Padre o Papa Francisco para o XXIII Dia Mundial do Doente 2015*. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/papa-francesco_20141203_giornata-malato.html. Acesso em 12 de dezembro de 2018.

negócios, seu itinerário. Também ele, ao passar por aquele caminho, tinha em mente seus afazeres e responsabilidades. Na história, evidencia-se que, no amor-oblação, o eu passa para um segundo plano. Ao optar pelo ferido, tudo o mais deixará de ter primazia em função dele. Descobre-se, assim, que amar é frequentemente escolher o próximo.³⁷

Se, por um lado, o Documento de Aparecida não traça coordenadas rígidas sobre o modo como o cristão deverá atuar no auxílio dos desvalidos, por outro, afirma que, sem um envolvimento efetivo nos dramas atuais, a fé em Cristo carece de consistência. São necessários descer das montarias, das cátedras e dos títulos, inclinar-se respeitosamente diante do outro e sujar as mãos no sangue daquele que jaz nas calçadas. A resposta da pergunta colocada pelo legista sobre o que fazer para herdar a vida eterna (cf. v. 25) não é uma teoria ou um belo discurso, mas é a ação: “vai e faz o mesmo” (v. 37).

O indiferentismo pode se mascarar com a desculpa de respeito pelo espaço alheio. A cultura do prazer a todo custo e da busca incansável pelo bem-estar pode levar os cristãos a fugirem de problemas que, à primeira vista, não lhes pertencem. Essa mesma frouxidão na prática das virtudes evangélicas era vista por São Cipriano como sendo causada pelo período de bonança que sucedeu a perseguição de Décio: “(...) a longa paz tinha corrompido a disciplina divina que recebemos... Cada qual se preocupava apenas em aumentar seu patrimônio e, esquecendo o que um fiel deve fazer, todos se dedicavam a aumentar seus haveres com o fogo de uma cobiça insaciável”³⁸.

O Documento de Aparecida, à luz da perícopes do Bom Samaritano, convida os cristãos a romperem o círculo vicioso da indiferença diante do próximo. Como se evidenciou no comentário ao texto evangélico, o próximo não é apenas alguém que, passivo, recebe o auxílio necessário. O próximo deve ser o protagonista de um final feliz na história em que se esperava o pior. A proximidade não produz o amor, mas só o amor pode nos fazer próximos

³⁷ Cf. PRONZATO, *Tras las huellas del Samaritano*, p. 80.

³⁸ SÃO CIPRIANO DE CARTAGO. De lapsis. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina*, vol. 4. Paris, 1844, § 469.

dos outros.³⁹ É aí que se insere o cristão como um agente de transformação da realidade a partir do encontro fascinante com a pessoa de Jesus.

4. Conclusão

O sonho de uma igreja samaritana não pode ser uma ideologia a mais, entre tantas que prometem um futuro melhor, mas cada vez mais distante. Ele passa pela configuração do discípulo missionário a Jesus: quando os valores do Reino forem decisivos para a condução da própria vida, quando os preferidos de Jesus forem também os preferidos de sua Igreja, quando os discursos cessarem e as mãos entrarem em ação, enfim, quando o Deus que se busca no culto for igualmente reverenciado nos que sofrem.

O caminho é o da conversão dos indivíduos e das estruturas: dos indivíduos, porque o Evangelho deve se enraizar em pessoas concretas com suas histórias, dilemas, esperanças e desafios; das estruturas, porque elas são compostas por pessoas e, uma vez que o coração se aproxima de Deus, conseqüentemente o edifício composto por essas pedras será mais evangélico. O Documento de Aparecida convida não apenas a sonhar com essa Igreja, mas a trabalhar para que esse sonho se torne realidade.

Referências

BARTOLOMÉ, J. J. Comer en común. Una costumbre típica de Jesús y su propio comentario (Lc 15). *Salesianum* 55 (1982), p. 669-712.

BAUMAN, Z; DONSKIS, L. *Cegueira Moral: A perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (orgs). *Comentário do Uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

BENTO XVI. *Carta Encíclica "Deus Caritas est"*. São Paulo: Paulinas, 2007.

³⁹ Cf. FITZMYER, El Evangelio según Lucas, vol. III, p. 280.

BULTMANN, R. *História de La Tradición Sinóptica*. Salamanca: Sígueme, 2000.

CIPRIANO DE CARTAGO. De lapsis. In: MIGNE, J. P. *Patrologia Latina*. Paris: [s.n.], 1844. v. 4.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília/São Paulo: CNBB/Paulus/Paulinas, 2012.

ESTEVEZ, E. Significado de ΣΠΛΑΓΧΝΙΖΟΜΑΙ en el NT. *Estudios Biblicos* 48 (1990) p. 511-541.

FABRIS, R. La Parábola del Buen Samaritano (Lc 10,25-37). *Parola, Spirito e Vita* 11 (1979) p. 126-141.

FEUILLET, A. Le Bon Samaritain (Luc 10,25-37): sa signification christologique et l'universalisme de Jésus. *Esprit et Vie* 24 (1980) p. 337-351.

FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas: traducción y comentario*. Madrid: Cristiandad, 1987. v. III.

FRANCISCO. *Homilia da Santa Missa com os Novos Cardeais (15/02/2015)*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150215_omelia-nuovi-cardinali.html>. Acesso em 12 de dezembro de 2018.

_____. *Exortação Apostólica “Evangelii Gaudium”*. São Paulo: Paulus, 2013.

_____. *Mensagem do Santo Padre Francisco para o XXIII Dia Mundial do Doente 2015*. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/papa-francesco_20141203_giornata-malato.html. Acesso em 12 de dezembro de 2018.

GONZÁLES FAUS, F. *Herejias del Catolicismo Actual*. Madrid: Editorial Trotta, 2013.

_____. *Vicarios de Cristo: los Pobres en la Teología y la Spiritualidad Cristianas*. Antología comentada. Madrid: Editorial Trotta, 1991.

KRUBY, K. L'amour du prochain dans la pensée juive. *Nouvelle Revue Théologique* 91 (1969) p. 493-516.

LÉGASSE, S. *Qui est mon prochain?: étude sur l'objet de l'agapè dans le Nouveau Testament*. Paris: Les Éditions Du Cerf, 1989.

JEREMIAS, J. *Las Parábolas de Jesús*. 4. ed. Estella: Verbo Divino, 1974.

JOÃO CRISÓSTOMO. Sermon V sur la Genèse. In: BROTTIER, L. *Sources Chrétiennes*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1998. vol. 433.

JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica "Novo millennio ineunte"*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2001.

_____. *Carta Encíclica "Laborem Exercens"*. 7. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

KÖSTER, H. σπλαγγίζομαι κ.τ.λ. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1979, col. 904-934. v. XII.

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. A. *A Greek-English Lexicon*. Oxford: The Clarendon Press, 1968.

MEIER, J. P. *Un Judío Marginal: nueva visión del Jesús histórico*. Estella: Verbo Divino, 2017. vol. V.

MENKEN, M. J. J. The position of ΣΠΛΑΓΧΝΙΖΕΣΘΑΙ and ΣΠΛΑΓΧΝΑ in the Gospel of Luke. *Novum Testamentum* 30 (1988) p. 107-114.

MONLOUBOU, L.; DU BUIT, M. Samaritain. In: _____. *Dictionaire Biblique Universel*. Bris: Desclée, 1984, p. 674.

ORÍGENES. Homélie sur S. Luc. In: DE LUBAC, H.; DANIELÉLOU, J. (eds.). *Sources Chrétiennes*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1962. v. 87.

PEDRO DAMIÃO. Epistola XXXII ad suos eremitas Monasterii Gamughensis S. Barnabae. In: MIGNE, J. P. *Patrologia Latina*. Paris: [s.n.], 1853. v. 144

PRONZATO, A. *Tras las huellas del Samaritano: peregrinación al santuario del hombre*. Santander: Editorial Sal Terrae, 2003.

RAMAROSON, L. Comme 'Le Bon Samaritain' ne cherche qu'à aimer. *Biblica* 56 (1975) p. 533-536.

SABOURIN, L. *Il Vangelo di Luca: introduzione e commento*. Roma/Casale Monferrato: Pontificio Istituto Biblico/Piemme, 1989.

SCHMID, J. *El Evangelio según San Lucas*. Barcelona: Herder, 1968.

SKA, J.-L. *Introdução à Leitura do Pentateuco*. São Paulo: Loyola, 2003.

TERNANT, P. Le Bon Samaritain (Lc 10,25-37). *Assemblées du Seigneur* 46 (1974) p. 66-77.

VAN DEN BORN, A.; SAULNIER, C. Samaritanos. In: BOGAERT, P. M. *Diccionario Enciclopédico de la Biblia*. Barcelona: Herder, 1993, pp. 1388-1389.

Recebido em: 11/09/2018

Aprovado em: 10/05/2019